

ESPIRITUALIDADE E A PRÁTICA DA TERAPIA OCUPACIONAL: INTERFACES NO CAMPO DA OCUPAÇÃO HUMANA

SPIRITUALITY AND THE PRACTICE OF OCCUPATIONAL THERAPY: INTERFACES IN THE FIELD OF HUMAN OCCUPATION

Palabras claves: Terapia Ocupacional; Ciencias de la Ocupación; Espiritualidad; Religiosidad; Religión.

Keywords: Occupational Therapy; Occupational Science

DECS: Terapia Ocupacional, Espiritualidad, Religión.

MESH: Occupational Therapy, Spirituality, Religion.



Autores:

D. Lucivaldo da Silva Araújo.

Terapeuta Ocupacional, Doctoranda en Núcleo de Configuraciones Contemporáneas de la Clínica Psicológica del Programa de Estudios Pos-Graduados en Psicología Clínica de la Pontificia Universidad Católica de São Paulo (PUC/SP). Magister en Psicología Clínica y Social (UFPA), docente del curso de Terapia Ocupacional de la Universidad del Estado de Pará (UEPA), Belém, PA, Brasil. Miembro del Grupo de Pesquisa en Ciencias de la Ocupación (CNPQ/UFPA).

e-mail: lucivaldoaraujo@hotmail.com

Dña. Ingrid Bergma da Silva Oliveira.

Terapeuta Ocupacional, Doctoranda en Núcleo de Estudios de la Subjetividad del Programa de Estudios Pos-Graduados en Psicología Clínica en la Pontificia Universidad Católica de São Paulo (PUC/SP). Magister en Psicología Clínica e Social (UFPA), docente de los cursos de Terapia Ocupacional de la Universidad del Estado de Pará (UEPA) y de la Universidad de Amazonia (UNAMA), Belém, PA, Brasil. Miembro del Grupo de Pesquisa en Ciencias de la Ocupación (CNPQ/UFPA). E-mail:

e-mail: luabergma@yahoo.com.br

Dña. Samanta Rolack Jaramillo.

Bachiller en ciencias de la rehabilitación, estudiante del curso de Terapia Ocupacional de la Universidad Austral de Chile, beneficiaria de Beca Ibero-americana Santander en la Universidad de Amazonia (UNAMA). E-mail:

e-mail: samantarolackj@gmail.com

Como citar este documento:

da Silva Araújo L, da Silva Oliveira IB, Rolack Jaramillo S. Espiritualidad en la práctica de la terapia ocupacional: interfaces en el campo de la ocupación humana. TOG (A Coruña) [revista en Internet]. 2014 [fecha de la consulta]; 11(20): [19 p]. Disponible en: <http://www.revistatog.com/num20/pdfs/revision3b.pdf>

Texto recibido: 30/07/2014

Texto aceptado: 20/09/2014

Texto publicado: 30/11/2014

Introducción^a

Indícios de que o modelo científico moderno e sua racionalidade estejam passando por uma profunda e irreversível crise resultante de uma pluralidade de condições nos coloca em um período de transição, em que somos seres de dois mundos, do “não mais e do ainda não”^{(1), (2)}. Do *não mais*, da paisagem que passa, deslocamo-nos adiante, no sentido do distanciamento de um conhecimento que fragmenta, que interioriza o sujeito às custas da exteriorização do objeto, que desconhece a poética

^a Uma primeira versão deste texto intitulada “*Por uma clínica terapêutica ocupacional espiritualmente integrada*”, foi elaborada como referência complementar do Curso Aplicación de la Ciencia de Ocupación a la práctica profesional, módulo II, Ciência de la Ocupación II, Aplicaciones Prácticas de la Ciencia de la Ocupación a la práctica profesional, eixo: Espiritualidade. A versão 2013 do curso foi certificada pela Escuela de Terapia Ocupacional de la Facultad de Medicina de la Universidad de Chile e Escuela de Postgrado de la Facultad de Medicina de la Universidad de Chile.

Resumo

Autores da Ciência da Ocupação e da Terapia Ocupacional tem destacado a espiritualidade como um elemento que estabelece importantes relações com a ocupação, o bem-estar, o cotidiano e a saúde das pessoas. Apesar da crescente valorização deste tema, ainda há uma enorme lacuna entre a teoria e a prática, entre reconhecer a importância da espiritualidade e efetivamente incorporá-la à prática clínica. Neste artigo, nos propomos a refletir sobre o tema da espiritualidade a partir de algumas questões que podem permear a prática de terapeutas ocupacionais que optam por desenvolver uma clínica espiritualmente integrada, ou seja, que valoriza e reconhece a espiritualidade como elemento capaz de potencializar o significado das ocupações e influenciar diretamente no desempenho ocupacional de seus clientes. Nesse sentido, acreditamos que terapeutas ocupacionais não podem deixar de contemplar a dimensão espiritual e religiosa dos clientes sob o receio de que uma abordagem ou valorização dessa questão possa ser entendida como não científica, já que práticas que abordam a dimensão espiritual das pessoas não são mais vistas como sendo a antítese do progresso da ciência. Sob esse horizonte, uma prática terapêutica ocupacional espiritualmente integrada não será menos científica do que qualquer outra abordagem terapêutica.

Summary

Authors of the Science of Occupation and Occupational Therapy highlight spirituality as an element establishing important relationships with the occupation, well-being, daily life and health of people, reflecting in the interest and relevance of the integration of spirituality to the practice of occupational therapy. Despite the increasing importance of this topic, there is still a huge gap between theory and practice, between recognizing the importance of spirituality and effectively incorporate it into clinical practice. Accordingly, we discuss the composition of this picture from some issues that permeate the practice of occupational therapists who choose to develop a clinical spiritually integrated, that is, that values and recognizes spirituality as an element able to enhance the meaning of occupations for promotion health and well - being of clients. In this sense, we must contemplate the spiritual and religious dimension of our customers under the fear that an approach or valuation of these issues can be understood as unscientific, since practices that address the spiritual dimension of people are no longer seen as being the antithesis of scientific progress. Under this horizon, a practice occupational therapy spiritually integrated not be less scientific than any other therapeutic approach.

constitutiva da subjetividade e o fluxo enriquecedor da intersubjetividade, que fecha as portas para outros saberes, “um conhecimento desencantado, triste, que transforma a natureza em autômato”⁽¹⁾.

Do *ainda não*, aproximamos-nos de um mar de incertezas, um lugar onde o chão constantemente se move e desequilibra, obrigando-nos a constantemente vivermos sob ajuste. O *ainda não* é atemporal, é líquido, solve sujeito e objeto em um amálgama sem bordas, mostra-se aberto à escuta, ao Outro, ao diálogo, à natureza, ao divino.

Existem diferentes leituras sobre este processo. Mudança de paradigma, crise da modernidade, advento da pós-modernidade, modernidade tardia⁽¹⁻⁴⁾.

Contudo, apesar da discussão sobre esses pontos de vista fugir aos propósitos deste artigo, ela nos ajuda a compreender o momento atual cuja dinâmica dos saberes não nos permite mais dizer que temas como espiritualidade, religião e religiosidade estejam à margem do interesse das ciências. Pelo contrário, cada vez mais é crescente o interesse de diversas áreas do conhecimento por questões vinculadas a esses temas.

No campo da Terapia Ocupacional, mesmo considerando as diferenças culturais e históricas de cada país, a questão da espiritualidade sempre esteve, ainda que de forma intermitente, na pauta das discussões. Danton⁽⁵⁾ um dos precursores da profissão, ao tratar das qualidades da ocupação, dizia que esta é “tão necessária para a vida como a comida e a bebida” e que “as enfermidades da mente, do corpo e do espírito podem sanar através da ocupação”, ponto de vista que nos apresenta a dimensão espiritual enquanto um elemento imanente do humano e capaz de sofrer interferências e intervenções através da ocupação. Nesse caminho, vários autores⁽⁶⁻¹²⁾ têm tratado sobre a espiritualidade como um aspecto singular da vida das pessoas que estabelece importantes relações com a ocupação, o bem estar, o cotidiano e a saúde. Contudo, a valorização da espiritualidade na vida diária⁽¹⁰⁾ não é suficiente para que na prática de muitos terapeutas ocupacionais essa dimensão do cliente seja valorizada.

Alguns autores têm discutido e apresentado um cenário pouco favorável a essa questão⁽¹³⁻¹⁵⁾, destacando que, apesar da crescente valorização deste tema manifestada no maior interesse pela pesquisa sobre a espiritualidade na prática da Terapia Ocupacional, no aumento do número de publicações de terapeutas e cientistas ocupacionais sobre o tema e na inclusão do estudo da dimensão espiritual em alguns currículos, ainda há uma enorme lacuna entre a teoria e a prática, entre reconhecer a importância da espiritualidade e efetivamente incorporá-la à prática clínica.

Nesse sentido, ainda é árduo o caminho a ser trilhado pelo terapeuta ocupacional que decide abordar questões de cunho espiritual ou religioso em um universo acadêmico e profissional. É difícil encontrar pares que valorizem e que compartilhem do mesmo interesse, o que gera dificuldades para o desenvolvimento de uma intervenção harmônica entre a espiritualidade do terapeuta e as demandas vinculadas à espiritualidade dos clientes. Assim, a expansão deste horizonte técnico-conceitual exige a ampliação do investimento teórico e prático por parte dos profissionais e pesquisadores no sentido do reconhecimento, valorização e difusão das discussões sobre a espiritualidade no contexto da prática da Terapia Ocupacional.

Objetivos

Refletir sobre o tema da espiritualidade enquanto dimensão humana que permeia a prática de terapeutas ocupacionais que optam por desenvolver uma clínica espiritualmente integrada, ou seja, que valoriza e reconhece a espiritualidade como elemento capaz de influenciar no significado das ocupações e repercutir no desempenho ocupacional de seus clientes.

Abordar este tema requer abertura, disponibilidade à escuta do Outro e de si próprio, portanto, este artigo também é um convite ao exercício de uma postura dialógica e à prática da alteridade.

METODOLOGIA

Este artigo configura-se como um ensaio, uma tentativa de articulação entre o objetivamente dado e o subjetivamente percebido, uma construção que não se ajusta à postura sistematizante, universal e rígida valorizada pelas ciências cujo *modus operandi* repousa na neutralidade do pesquisador. Trata-se, portanto, de um ponto de vista em que as escolhas discursivas foram orientadas pelas demandas clínicas, culturais e teóricas oriundas da experiência de trabalho em serviços territoriais e comunitários em saúde mental, aglutinadas à prática de supervisão de estágio em diferentes Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) em Belém do Pará, Brasil, onde a temática inicialmente se apresentou como questão na condução de casos clínicos, e ainda, de discussões elaboradas junto

a pesquisadores atuantes na linha de pesquisa Psicologia e Religião do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) onde dois dos autores desenvolvem seus doutoramentos.

A pesquisa em livros e periódicos sobre a relação entre ocupação e espiritualidade iniciou em 2012 juntamente com a produção de tese de doutorado, ainda em andamento, da qual as reflexões aqui apresentadas fazem parte.

Considerando que esse campo teórico-clínico apresenta conceitos e características nem sempre acessíveis em um primeiro contato, estruturamos o texto de forma que o leitor possa primeiramente ter uma visão geral acerca de alguns conceitos que povoam o contexto das discussões contemporâneas sobre a espiritualidade no âmbito da Terapia Ocupacional e, em seguida, discutimos sobre alguns aspectos que permeiam a prática de terapeutas ocupacionais que optam por desenvolver uma clínica espiritualmente integrada.

Ocupações hierofânicas: um horizonte conceitual

Christiansen⁽¹⁰⁾ situa a espiritualidade como um fenômeno metafísico de difícil definição. De fato, a diversidade de posicionamentos sobre o conceito exige a tentativa de sua circunscrição, já que espiritualidade, religião e religiosidade costumam surgir conjuntamente na literatura especializada, o que torna qualquer posicionamento uma tentativa de articulação desses temas. No entanto, elaborar uma compreensão pelo menos razoável sobre esses conceitos se mostra fundamental para quem deseja desenvolver uma prática que contemple o cliente de forma holística, respeitando-o enquanto estrutura dinamicamente aberta e coerente em suas composições bio-psico-social e espiritual, ou seja, em sua dimensão experimental, experiencial, existencial e transcendental⁽¹⁶⁾.

Uma perspectiva sintética sobre esses conceitos nos diz que **espiritualidade** é sair em direção a um sentido último, uma transcendência ontológica, ou seja, vincula-se a questões relacionadas ao fim da vida, o seu sentido e sobre as relações com o Sagrado e o transcendente; **religiosidade** é a espiritualidade relacionada à concepção de divino, é processo, tem relação com o quanto um indivíduo acredita, segue e pratica uma religião. Pode ser organizacional (participação na igreja ou templo religioso) ou não organizacional (rezar, ler livros, assistir programas religiosos na televisão); e **religião** é o sistema representacional de crenças, práticas, símbolos e dogmas pelos quais uma pessoa pode conduzir sua vida, seja de modo espiritual, ou não, e que facilita o acesso ao Sagrado^{(17), (18)}.

Ao refletir sobre a evolução desses significados, Pargament⁽¹⁹⁾ destaca a mudança ocorrida em torno desses termos nos últimos 40 anos, principalmente quando os significados de "religiosidade" e "espiritualidade" tornaram-se cada vez mais polarizados, particularmente entre os profissionais de saúde mental e cientistas sociais.

As definições modernas desses constructos colocam em seus extremos uma religiosidade "má", estática, institucional, objetiva, baseada em crenças, em oposição a uma espiritualidade "boa", funcional, dinâmica, pessoal, subjetiva, baseada em experiências⁽¹⁹⁾. Nesse cenário de polarização espiritualidade-religiosidade, também existem modos de vinculação que aproximam essas dimensões. Um deles diz respeito ao fato da vivência religiosa representar uma das maneiras, mas não a única, de se cultivar e manifestar a espiritualidade⁽²⁰⁾, que nesse contexto pode ser entendida como o desejo de relacionar-se com o Sagrado, que representa "o coração e a alma da espiritualidade"⁽¹⁹⁾.

A experiência do Sagrado pode apresentar componentes como o deslocamento interior, o silêncio, a atemporalidade, a transcendência do pensamento racional, a insuficiência do saber, a união do espaço interior e do espaço exterior, dentre outras coisas²¹. Quando inserido em um contexto religioso, o Sagrado pode

configurar-se como uma propriedade de certas coisas (instrumentos de culto), seres (o rei, o sacerdote), lugares (o templo, a igreja, a sinagoga) e tempos (o domingo, o dia de páscoa, o natal)⁽²²⁾.

Rudolf Otto⁽²³⁾ atribui três características à experiência do Sagrado que se manifestam envoltas pelo *numinoso* (*numen*=divino), ou seja, são provocadas pela revelação do poder divino e na qual o sentido de *mysterium tremendum, majestas e fascinans* se faz presente: "A experiência de encontrar-se diante de algo extremamente superior, que provoca sentimento de entrega e rendição; a experiência de estar diante do majestoso e sentir-se nada, o que dá origem à humildade; e a experiência de estar frente a algo fascinante, de algo que quando termina se quer re-encontrar, o que dá urgência à busca"⁽²¹⁾. O Sagrado manifesta-se, portanto, como "uma realidade inteiramente diferente, que ultrapassa a experiência natural do homem e onde este homem tem o sentimento de sua profunda nulidade"⁽²⁴⁾.

Micea Eliade⁽²⁴⁾, filósofo romeno e um dos maiores estudiosos da história das religiões e dos mitos no último século, afirma que a primeira definição que se possa dar do Sagrado é que ele se opõe ao profano. Sob este ponto de vista, o homem só conhece o Sagrado porque este se manifesta absolutamente diferente do profano. São dois mundos possíveis de serem definidos um pelo outro, constituindo "duas modalidades de ser no mundo, dois modos existenciais".

Sobre essa questão, Caillois⁽²²⁾ destaca que "toda concepción religiosa del mundo implica la distinción entre lo Sagrado y lo profano, y opone al mundo donde el fiel se consagra libremente a sus ocupaciones, ejerciendo una actividad sin consecuencia para su salvación, un dominio donde el temor y la esperanza le paralizan alternativamente y donde, como al borde de un abismo, el menor extravío en el menor gesto puede perderle por lo irremediable".

Nesse sentido, o Sagrado pode envolver tanto a realidade transcendente quanto outros aspectos da vida que tem caráter e/ou que trazem consigo sinais do *numinoso* em virtude de sua associação ou representação da divindade, isto é, pode envolver “a manifestação de algo de ‘ordem diferente’ – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte de nosso mundo ‘natural’, ‘profano’”(24).

Assim, o Sagrado mostra não depender apenas de uma “experiência subjetiva”, mas também de “elementos objetivos” que funcionam como sinal de sua manifestação(25). Esses elementos não são “adorados” por si mesmos, mas recebem culto em razão da força divina que neles se manifesta ou localiza. Das categorias de agrupamento desses elementos apresentadas por Eliade(24), destacamos:

a) Hierofanias (*hierós*: santo; *fanein*: manifestar): quando são objetos ou fenômenos nos quais o homem percebe a manifestação do divino por causa de sua forma estranha, sua força misteriosa ou outra singularidade.

b) Teofanias (*théos*: deus; *fanein*: manifestar): quando são manifestações pessoais da divindade, como visões, sonhos, audições misteriosas.

Tomando como parâmetro essas duas categorias, é possível conjecturar que não existe nada que não possa ser revestido pelo Sagrado, do mesmo modo que não há nada que não possa ser despojado desse privilégio(22). Um simples copo com água que pode servir para alguém saciar a sede, para outra pessoa pode assumir um caráter Sagrado e, portanto, uma manifestação hierofânica que liga o real concreto ao transcendente, espiritual. Nesse caso, a água não é venerada como água, mas como água sagrada, como uma hierofania, porque revela algo que já não é água, o sagrado(24).

Não apenas objetos e coisas podem assumir o caráter Sagrado e suscitar a espiritualidade de uma pessoa, mas também muitos outros elementos de sua

rotina como uma música, um cheiro, um alimento, um gesto, uma atividade específica. Piazza⁽²⁵⁾ argumenta que devemos nos acostumar a aceitar as hierofanias em qualquer lugar, em qualquer setor da vida, já que muitos ofícios como artes, indústrias, técnicas, que hoje assumem valores culturais, têm origem sagrada, a exemplo de gestos comuns (levantar-se, correr, caminhar...) e as várias ocupações (caça, pesca, agricultura...).

Nesse contexto, uma ocupação poderá apresentar-se como uma hierofania se, envolta pelo *numinoso*, for compreendida sob a perspectiva do sagrado, assumindo assim, um significado de manifestação divina de acordo com a referência espiritual ou sistema religioso do qual o cliente faz parte, ao que propomos, nesses casos, a terminologia **ocupações hierofânicas**.

É importante esclarecer que ocupações hierofânicas nem sempre serão ocupações religiosas, mas aquelas nas quais se experiencia uma manifestação do Sagrado. Contudo, essas ocupações, não são simplesmente encontradas com as marcas do Sagrado ou impregnadas de espiritualidade como se a experiência do sagrado proporcionada por essas ocupações se desse automaticamente ou constituísse uma marca inerente ou qualidade que elas possuem por si mesmas. Pelo contrário, ocupações hierofânicas tornam-se expressões do Sagrado quando os indivíduos que nelas se envolvem e as têm como significativas em suas vidas, lhes atribuem essa qualidade^{(22), (26)}. Ou seja, do ponto de vista ocupacional, no qual uma ocupação pode ser compreendida a partir de sua forma, função e significado, as ocupações hierofânicas assumem essa característica a partir da perspectiva do sujeito, de acordo com o valor que o Sagrado assume nos seus contextos de desempenho. Em outras palavras, somente o ente ocupacional poderá descrever os elementos simbólicos, subjetivos e objetivos que permitem avaliar o caráter hierofânico de determinada ocupação, pois a experiência do Sagrado é pessoal e fundamenta-se na idiosincrasia de cada indivíduo.

Uma camareira católica, por exemplo, poderá sentir-se contemplada por uma graça ou manifestação divina ao descobrir que foi escolhida para arrumar a cama do quarto onde se hospedará o Papa, líder da Igreja Católica. Nesse caso, poderá haver uma profunda alteração no significado da ocupação deste ente ocupacional, e em maior escala, poderá também haver repercussão na forma e na função ocupacional, se a camareira entender que arrumar o quarto do Papa possui um sentido transcendental e que, por isso, ela deve rezar antes e após a realização da tarefa ou elaborar maneiras diferentes do habitual para envolver-se nesta ocupação.

Isto não quer dizer que as hierofanias e nesse caso específico, as ocupações hierofânicas, sejam arbitrárias, dependendo exclusivamente da escolha do indivíduo. Se atentarmos justamente para o critério desta escolha, veremos que ela tem o sentido de uma "interpretação", pois de fato, as hierofanias se manifestam à pessoa religiosa, seja qual for a sua fé, levando-a sempre a ver nelas uma manifestação do Sagrado⁽²⁵⁾.

Deste modo, é possível que ocorra uma via de dupla afetação na relação que se pode estabelecer entre ocupação e espiritualidade, ou seja, a espiritualidade poderá manifestar-se através do engajamento em uma ocupação, do mesmo modo que uma ocupação poderá ter sua forma, função e significado alterados quando ela se encontrar sob a dimensão espiritual de um determinado cliente, sob a esfera do Sagrado e/ou com frequência, do religioso, o que, no processo terapêutico ocupacional, poderá gerar inúmeras demandas que exigirão do terapeuta não apenas manejo técnico, mas uma postura que reconheça a espiritualidade como um modo de ser amplo e profundo, que toca praticamente todas as dimensões da vida do cliente e que ultrapassa um conjunto definido de crenças, práticas, relações e experiências.

Espiritualidade: qual o interesse da Terapia Ocupacional?

Em 1997, foram publicados números temáticos do *American Journal of Occupational Therapy* e do *Canadian Journal of Occupational Therapy* tratando sobre o tema da espiritualidade, ao mesmo tempo em que a *Canadian Association of Occupational Therapists* (CAOT) reconhecia a espiritualidade como um componente integral do desempenho ocupacional na prática centrada no cliente⁽²⁷⁾.

Em 2002 a *American Occupational Therapy Association* (AOTA) incluiu a espiritualidade na *Occupational Therapy Practice Framework: Domain and Process*. Em sua primeira edição⁽²⁸⁾, a espiritualidade figurava como um contexto de desempenho e na segunda⁽²⁹⁾ e terceira edições⁽³⁰⁾, como um fator do cliente. A justificativa para a mudança, segundo a AOTA⁽²⁹⁾, foi a tentativa de contribuir com a forma que os terapeutas ocupacionais veem e analisam valores, significados e crenças dos seus clientes, sob a tese de que é mais frequente a percepção da espiritualidade localizada no interior das pessoas.

Apesar de considerarmos a justificativa um equívoco pobre em argumentos, pois reifica a espiritualidade, fragmenta-a e cria uma circunscrição limitada ao humano, ter a espiritualidade neste importante documento de consulta da profissão reflete mais aspectos positivos que negativos. Por conseguinte, não se pode negar que a intermitência do tema da espiritualidade no transcurso histórico da Terapia Ocupacional, variavelmente evidente em consonância com o momento da profissão em determinado contexto político e social, tem refletido em um maior interesse dos pesquisadores sobre a questão.

Alguns estudos realizados com terapeutas ocupacionais cujos resultados nos ajudam a compreender como a espiritualidade vem sendo percebida, apreendida e aplicada à prática da Terapia Ocupacional contemporânea, exemplificam esse interesse crescente.

Engquist, Short-DeGraff, Gliner e Oltjenbruns⁽¹¹⁾ estudaram as crenças e práticas de 270 terapeutas ocupacionais no que diz respeito à espiritualidade e terapia. Os resultados apontaram que 90% dos profissionais reconhece a espiritualidade como uma dimensão importante na vida do terapeuta e na vida, na saúde e na reabilitação dos clientes e que 82% acreditam que a formação acadêmica não os preparou para atender as necessidades espirituais das pessoas no âmbito do acompanhamento terapêutico ocupacional.

Em estudo envolvendo 206 terapeutas ocupacionais acerca das atitudes desses profissionais diante da espiritualidade na prática clínica, Taylor, Mitchell, Kenan e Tacker⁽⁸⁾ constataram posturas e opiniões diversificadas sobre a questão. Os autores relatam que os métodos mais comumente usados pelos terapeutas ocupacionais que participaram da pesquisa para atender às necessidades espirituais de seus clientes eram a oração, a utilização de uma linguagem espiritual geralmente associada às crenças do cliente e o diálogo sobre a importância de crenças religiosas. Destacam, também, que os terapeutas ocupacionais que se definiam como religiosos apresentaram uma atitude mais positiva em relação à espiritualidade na prática em relação aos que se definiam como não religiosos. Além disso, foi significativo o número de profissionais que considerava a incorporação da espiritualidade na prática do terapeuta ocupacional como inapropriada.

Em outro e recente estudo sobre a espiritualidade na prática da Terapia Ocupacional, do qual participaram 97 terapeutas ocupacionais, Morris et al⁽¹⁵⁾ concluíram que ainda existe uma grande lacuna entre ensino, teoria e prática, o que acaba por gerar a necessidade de uma melhor definição tanto do que se entende por espiritualidade, quanto do papel do terapeuta ocupacional na abordagem da espiritualidade no processo terapêutico.

Diante deste cenário, talvez não seja surpreendente que os estudos de americanos, britânicos e de terapeutas ocupacionais canadenses indiquem que a maioria dos terapeutas ocupacionais não estão certos do papel da

espiritualidade na prática⁽⁶⁾, dado que, corroborado por outros autores ^{(9), (14), (31), (32)}, nos indica o quanto estamos longe de uma convergência no que se refere à abordagem da espiritualidade ou, em última instância, ao uso de estratégias espirituais como orações, leitura de textos religiosos, dentre outras coisas, no processo terapêutico ocupacional.

O que se observa na prática é que muitos profissionais têm dificuldade em compreender essa temática inserida no contexto da ocupação humana e, conseqüentemente, ficam sem saber como lidar com ela nos atendimentos, pois, quando se veem diante dessa condição transcendental que é a espiritualidade, percebem que não foram preparados para olhar e acolher o que pode existir para além da dimensão bio-psico-social⁽³³⁾ e, muito menos, lidar com a sua própria espiritualidade no encontro com a espiritualidade do Outro.

Nesse campo é importante reconhecer que qualquer ponto de vista sobre espiritualidade, religião e religiosidade nunca estará dissociado da subjetividade e das vivências dos autores em relação a esses temas, sejam elas positivas ou negativas. Assim, é possível, que nossa maneira particular de valorizar a espiritualidade no contexto clínico da Terapia Ocupacional não seja compartilhada por muitos colegas, do mesmo modo que é possível ocorrer algum estranhamento diante da discussão deste tema no campo da Terapia Ocupacional e da Ciência da Ocupação. Contudo, o que se busca nesta proposição não é a unanimidade, mas o diálogo que respeita a singularidade. Portanto, não faz sentido falarmos em certo ou errado, mas em uma tentativa, uma abertura em reconhecer a espiritualidade enquanto um fator vinculado à motivação dos clientes, capaz de atribuir sentido à vida⁽³⁰⁾ e, portanto, intimamente ligada à forma, à função e ao significado das ocupações. Essas qualidades tornam a espiritualidade elementar nas intervenções cujo foco esteja voltado para o desempenho ocupacional de nossos clientes.

Espiritualidade e a prática da Terapia Ocupacional: uma incursão

Existem muitas perguntas não respondidas sobre a espiritualidade e sua relação com o desempenho ocupacional⁽⁷⁾. Talvez o caminho para abordar essas questões seja o de perceber que, antes de qualquer coisa, o processo terapêutico se constitui a partir do encontro entre distintas experiências espirituais, já que ao buscar atendimento, o cliente não traz ao *setting* terapêutico apenas suas demandas motoras, cognitivas, mentais ou sensoriais. Ele também traz, na composição de sua historicidade, sentidos e significados acerca de sua saúde que estão arraigados a sua visão de mundo e que, por conseguinte, estarão relacionados às suas expectativas em relação ao tratamento e que merecem ser considerados e avaliados por parte do terapeuta ocupacional.

No processo interativo que se estabelece entre cliente e terapeuta ocupacional, os sujeitos envolvidos podem estar vivendo momentos totalmente distintos quanto à dimensão espiritual, mas também podem estar vivendo momentos semelhantes. Podem até professar a mesma crença religiosa ou não. Disto importa que suas experiências no campo espiritual e religioso nunca serão iguais, decorrendo desta relação um variado leque de demandas e possibilidades interventivas.

Nesse sentido, a percepção dos modos que terapeuta e cliente integram seus valores e crenças em suas rotinas cotidianas e a maneira como cada um deles interage com a religiosidade e a espiritualidade do outro, parece ser fundamentalmente importante para um processo terapêutico ocupacional espiritualmente integrado e centrado no cliente.

Sobre o processo avaliativo, o terapeuta ocupacional interessado em avaliar a dimensão espiritual e religiosa do cliente, não necessitará de um momento específico para isso. Pelo contrário, esses fatores poderão ser investigados conjuntamente com qualquer outro aspecto que figure na avaliação do desempenho ocupacional. Contudo, o primeiro contato parece ser primordial

nessa intenção, já que durante a obtenção das primeiras informações, o terapeuta poderá inserir perguntas sutis e outras mais direcionadas a fim de obter o histórico espiritual e religioso do cliente.

Durante a investigação dos hábitos e rotinas, tem-se outra situação favorável à obtenção de informações sobre o lugar que questões espirituais e religiosas assumem na vida do cliente e como ele se relaciona com este universo que não apenas transversaliza, mas se desloca para além de suas demandas ocupacionais.

Nesse contexto, é importante que as informações obtidas sejam suficientes para que se tenha uma visão geral sobre o significado e o valor que as ocupações religiosas e/ou hierofânicas assumem na experiência dos sujeitos e como interagem com suas áreas de ocupação.

Algumas questões prévias que sugerimos antes de uma avaliação estruturada ou da utilização de algum instrumento ou protocolo para obtenção do histórico espiritual e religioso do cliente, são: a) Como o cliente vive sua religiosidade e espiritualidade? b) Qual o lugar que a experiência religiosa ocupa na vida do cliente? c) Quais são os hábitos do cliente que possuem vinculação com sua religiosidade e espiritualidade? d) Quais áreas de ocupação se mostram influenciadas por essas experiências? e) Como o cliente se sente em tratar sobre sua espiritualidade e religiosidade no contexto de tratamento?

Essas indagações não são um *check-list*, muito menos um protocolo ou instrumento avaliativo, mas questões norteadoras que se voltam à compreensão das necessidades espirituais e religiosas do cliente no contexto de um primeiro contato e que podem contribuir no direcionamento do olhar do terapeuta ocupacional, além de suscitar elementos balizadores do raciocínio clínico, contudo, alguns instrumentos como o Questionário FICA^{(20), (34)} e o

HOPE⁽³⁵⁾, muito utilizados na obtenção da história espiritual de clientes em contexto de saúde, podem ser de extrema utilidade nesse processo.

Dada às diversas formas de manifestação do Sagrado, outro aspecto merecedor de destaque nesse campo, diz respeito aos contextos de desempenho que podem apresentar características de relativa complexidade quando são constituídos primordialmente de elementos de natureza religiosa, a exemplo daqueles que podem ser encontrados no atendimento de sacerdotes, pastores, padres, freiras, dentre outros. Esses casos sempre exigirão maior dedicação e contato do terapeuta com a sua própria espiritualidade, (pré) conceitos, crenças e valores. Portanto, conhecer os sistemas religiosos dos clientes mostra-se de fundamental importância para o andamento do processo terapêutico, pois pode evitar que o mesmo se sinta desrespeitado quanto as suas convicções espirituais ou crenças religiosas ao ver-se diante de alguma postura, valor, conduta ou proposta do Terapeuta Ocupacional que, na perspectiva desse cliente, possa ser interpretada como banalização do Sagrado.

Considerações finais

Filiar-se ao discurso que nega a dimensão espiritual das pessoas nos diversos contextos de atenção à saúde, é reforçar a tese de que a prática clínica deve ser secular e laica. É utilizar-se do discurso oficial de um Estado laico, para esquivar-se do encontro com o Outro, consigo mesmo e com o transcendente, além de coadunar-se com a ideia de que é possível separar os valores do terapeuta da clínica que desenvolve. É desconsiderar a impressão religiosa que marca os símbolos e a linguagem das diferentes culturas, nas quais, mesmo que não percebamos, nos faz vias de difusão e manifestação de valores e crenças dos inúmeros sistemas religiosos que nos rodeiam.

No Brasil, expressões como "*Vai com Deus*", "*Deus te abençoe*", "*Tenha Fé*", "*Graças a Deus*", somam-se a crucifixos, capelas, bíblias, folhetos e outros inúmeros elementos, cujo simbolismo compõe um vasto repertório de vinculação espiritual e religiosa, presentes no cotidiano das clínicas, hospitais,

consultórios, espaços públicos, ou simplesmente que acompanham as pessoas que se utilizam dos serviços.

Diante disto, não podemos deixar de contemplar a dimensão espiritual e religiosa de nossos clientes sob o receio de que uma abordagem ou valorização dessas questões possa ser entendida como não científica. Nesse sentido, ressaltamos que práticas que abordam a dimensão espiritual das pessoas não são mais vistas como sendo a antítese do progresso da ciência⁽³⁶⁾. Além disso, o movimento em direção ao pluralismo metodológico abriu a porta para o estudo de fenômenos tais como crenças e práticas espirituais que antes eram excluídas da investigação científica.

Nesse horizonte, a singularidade do humano e as particularidades do social nos conclamam a compreender no lugar de explicar, subjetivar em vez de replicar, de transgredir para crescer. Sob esse horizonte, uma prática terapêutica ocupacional espiritualmente integrada não será menos científica do que qualquer outra abordagem terapêutica.

Bibliografía

1. Santos BVS. Um discurso sobre as ciências. 6ª ed. São Paulo: Cortez; 2009.
2. Stein E. Epistemologia e Crítica da Modernidade. 3ª ed. Ijuí-RS: Unijuí; 2001.
3. Spink MJ. Linguagem e produção de sentidos no cotidiano. Porto Alegre: EDUPUCRS; 2004.
4. Harvey D. Condição Pós-Moderna. 13ª. Ed. São Paulo: Loyola; 2004.
5. Danton WR. Reconstruction therapy. Philadelphia: W. B. Saunders; 1919.
6. Egan M, Swedersky J. Spirituality as experienced by Occupational Therapy in practice. Am J OccupTher. 2003; 57(5): 525-33.
7. Thompson BE, MacNeil C. A phenomenological study exploring the meaning of a seminar on spirituality for Occupational Therapy students. Am J OccupTher. 2006; 60 (5): 531-39.
8. Taylor E, Mitchell JE, Kenan S, Tacker R. Attitudes of occupational therapists toward spirituality in practice. Am J OccupTher. 2000; 54(4): 421-26.
9. Bray KE, Egan MY, Beagan BL. The practice experience of evangelical Christian occupational therapists. Can J OccupTher. 2012; 79(5): 285-92.
10. Christiansen C. Acknowledging a spiritual dimension in occupational therapy

practice. *Am J OccupTher.* 1997; 51(3): 169-172.

11. Engquist DE, Short-DeGraff M, Gliner J, Oltjenbruns K. Occupational therapists' beliefs and practices with regard to spirituality and therapy. *Am J OccupTher.* 1997; 51(3): [173-180].

12. Vrkljan B. The role of spirituality in occupational therapy practice. *OccupTher Now.* 2000;2(2): 6-9.

13. Kirsh B, Dawson D, Antolikova S, Reynolds L. Developing awareness of spirituality in occupational therapy students: Are our curricula up to the task? *OccupTherInt.* 2001; 8(2): 119-25.

14. McColl MA. Spirituality and Occupational Therapy, Second edition. Ottawa: CAOT Publications ACE; 2011.

15. Morris DN, Stecher J, Briggs-Peppler KM, Chittenden CM, Rubira J, Wismer LK. Spirituality in Occupational Therapy: Do We Practice What We Teach?. *J ReligHealth.* 2014. 53(1): 27-36.

16. Ribeiro JP. Religião e Psicologia. En: Holanda A, coordenador. Psicologia, religiosidade e fenomenologia. Campinas, SP: Alínea; 2004. p. 11-36.

17. Safra G. Espiritualidade e religiosidade na clínica contemporânea. En: Amatzuzi MM, coordenador. Psicologia e espiritualidade. São Paulo: Paulus; 2005. p. 205-11.

18. Koenig HG, McCullough M, Larson DB. Handbook of religion and health: a century of research reviewed. New York: Oxford University Press; 2001.

19. Pargament KI. Spiritually Integrated Psychotherapy: Understanding and Addressing the Sacred. New York: The Guilford Press; 2007.

20. Pinto EB. Espiritualidade e Religiosidade: articulações. *Rev esta Relig.* 2009. 9 (1): 68-83.

21. Ancona-Lopez M, Bassani MA. O espaço Sagrado: espiritualidade e meio ambiente. Santo André, SP: ESETec Editores Associados; 2009.

22. Caillois R. El hombre y lo Sagrado. México: Fondo de cultura económica; 1996.

23. Otto R. O sagrado. Lisboa: Edições 70; 1992.

24. Eliade M. O Sagrado e o profano. São Paulo: Martins fontes; 1992.

25. Piazza WO. Introdução à fenomenologia religiosa. Petrópolis: Vozes; 1983.

26. Alves R. O que é Religião? São Paulo: Loyola; 1999.

27. Law M, Polatajko H, Baptiste S, Townsend E. Core concepts of occupational therapy. En: Canadian Association of Occupational Therapists, editor. Enabling occupation: An occupational therapy perspective. Ottawa: CAOT Publications ACE; 1997. p. 29-56.

28. American Occupational Therapy Association. Occupational Therapy Practice Framework: Domain and Process. *Am J OccupTher.* 2002; 51(1): 609-39.

29. American Occupational Therapy Association. Occupational Therapy Practice Framework: Domain and Process. 2ed. *Am J OccupTher.* 2008. 62(6): 625-83.

30. American Occupational Therapy Association. Occupational Therapy Practice Framework: Domain and Process. 3ed. *Am J OccupTher.* 2014. 68 (supplement 1): S1-S48.

31. Griffith J, Caron CD, Desrosiers J, Thibeault R. Defining spirituality and giving meaning to occupation: the perspective of community-dwelling older adults with autonomy loss. *Can J OccupTher.* 2007; 74(2): 78-90.

32. Egan M, Delaat MD. Considering Spirituality in Occupational Therapy Practice. *Can J OccupTher.* 1994; 61(2): 95-101.

33. El-Khatib, U. O desafio da inserção da Espiritualidade como linha de pesquisa para a Terapia Ocupacional. *Rev TerOcupUniv de São Paulo.* 2008;19(1), 110-14.

34. Borneman T. Assessment of Spirituality in Older Adults: FICA Spiritual History Tool [sede web]*. Try this. Specialty practice series. 2011 [acceso 15 de abril de 2013]; 5: [01-02]. Disponible en: http://consultgerirn.org/uploads/File/trythis/try_this_sp5.pdf.

35. Anandarajah G, Hight E. Spirituality and medical practice: using the HOPE questions as a practical tool for spiritual assessment. Am FamPhysician. 2001; 63(1): 81-9.

36. Puchalski C, Romer AL. Taking a spiritual history allows clinicians to understand patients more fully. J PalliatMed. 2000; 3(1): 129-37.